

Intenção Empreendedora: Análise do poder preditivo do Perfil Empreendedor e dos Valores Relativos Ao Trabalho

Heila Magali da Silva Veiga

Pedro Afonso Cortez

Bruner de Morais Miranda

Artur Ferreira de Castro Júnior

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar o papel preditor do Perfil Empreendedor (PE) e dos Valores Relativos ao Trabalho (VRT) na Intenção Empreendedora (IE). Foi utilizada uma amostra de conveniência composta por 323 estudantes de uma universidade pública. No que tange à dimensionalidade, a de IE é unifatorial, PE composta por nove dimensões (oportunidade, persistência, eficiência, informações, planejamento, metas, controle, persuasão e rede), e VRT com seis dimensões (autodeterminação, segurança, realização, universalismo, poder e conformidade), todas estão publicadas e apresentam evidências de validade. Foram utilizadas escala de resposta Likert, sendo as de PE e IE de 10 pontos e VRT de 5 pontos. A média de IE foi 5,48(DP = 2,61), em PE as maiores médias foram em informações (M = 8,36; DP = 1,10) e eficiência (M = 8,26; DP = 1,63). Para VRT, as maiores médias foram em segurança (M = 4,66; DP = 0,65) e realização (M = 4,64; DP = 0,64). A análise de regressão múltipla padrão mostrou que os antecedentes PE e VRT explicaram 20% da variância de IE, sendo a contribuição significativa oriunda das dimensões oportunidade ($\beta = 0,30$; $p = 0,000$), metas ($\beta = 0,14$; $p < 0,05$), autodeterminação ($\beta = 0,32$; $p < 0,05$) e poder ($\beta = 0,17$; $p < 0,05$). Os achados apontam que a busca de novas oportunidades de trabalho, clareza de objetivos profissionais e o desejo de ter um trabalho desafiador contribuem na intenção de abrir um negócio.

Palavras-chave: empreendedorismo, intenção empreendedora, valores relativos ao trabalho, predição.

ABSTRACT

Entrepreneurial Intention: Analysis of the Prediction of Entrepreneurial Profile and Work Values

The main goal of this study was to analyze the predictive power of Entrepreneurial Profile (PE) and Work-Related Values (VRT) in Entrepreneurial Intent (IE). A convenience sample composed of 323 students from a public university was used. Regarding dimensionality, the IE is one-factor, PE composed of nine dimensions (opportunity, persistence, efficiency, information, planning, goals, control, persuasion and network), and six-dimensional VRT (self-determination, security, achievement, universalism, power and compliance), all are published and provide evidence of validity. Likert response scale was used, with 10-point PE and IE and 5-point VRT. The mean IE was 5.48 (SD = 2,61), in PE the highest means were information (M = 8,36; SD = 1,10) and efficiency (M = 8,26; SD = 1,63). For VRT, the highest averages were safe (M = 4,66; SD = 0,65) and achievement (M = 4,64; SD = 0,64). Multiple regression analysis showed that the PE and VRT antecedents explained 20% of the IE variance, with the significant contribution coming from the opportunity dimensions ($\beta = 0,30$; $p = 0,000$), goals ($\beta = 0,14$; $p < 0,05$), self-determination ($\beta = 0,32$; $p < 0,05$) and power ($\beta = 0,17$; $p < 0,05$). The findings indicate that the search for new job opportunities, clarity of professional goals and the desire to have a challenging job contribute to the intention of opening a business.

Keywords: entrepreneurship, entrepreneurial intention, values related to work, prediction.

Sobre os Autores

H. M. S. V.
0000-0002-7429-8124
Universidade Federal de
Uberlândia
heila.veiga@gmail.com

P. A. C.
0000-0003-0107-2033
Universidade São Francisco
cor.afonso@gmail.com

B. M. M.
0000-0002-2643-1111
Universidade Federal de
Uberlândia
bruner.morais@gmail.com

A. F. C. J.
0000-0002-4508-4282
Universidade Federal de
Uberlândia
arturfjunior@hotmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



O empreendedorismo é valorizado pelas nações porque há evidências de que está associado com geração de empregos, inovação e crescimento econômico (Baron, 2006; Hisrich et al., 2017; Malecki, 2018). O incentivo ao empreendedorismo é uma das estratégias adotadas por governos como forma de fomentar o desenvolvimento social e econômico de uma região ou país (Guerrero et al., 2008; Parente et al., 2018), sendo identificadas estratégias de educação nos diversos níveis de ensino voltadas para a promoção da inovação e ao incremento de características empreendedoras (Oliveira et al., 2015).

No âmbito acadêmico, a produção relativa à temática expandiu-se e sofisticou-se ao longo dos anos (Davidson, 2016; Filard et al., 2014; Wiklund et al., 2011), sendo um campo de pesquisa interdisciplinar e multidisciplinar, o qual se associa com a potencialidade do desenvolvimento econômico em um contexto capitalista (Baron, 2006; Kuratko, 2016). Por se tratar de fenômeno complexo e multideterminado tem sido estudado por diferentes abordagens e campos de conhecimento. As diferentes áreas demonstraram que influência econômica, cultural, social e psicológica pode impulsionar ou bloquear a nova geração de negócios (Frese & Gielnik, 2014; Malecki, 2018; Vale, 2014).

Existem diversas concepções teóricas acerca do fenômeno, no presente estudo, empreendedorismo é sinônimo de procurar uma oportunidade de gerar novos negócios com uma expectativa de criação de valor (Gartner, 1990). Em outra acepção, ele não está circunscrito à criação do próprio negócio, podendo estar presente no cotidiano do trabalhador, por meio da expressão de comportamentos empreendedores dentro de organizações existentes, fenômeno chamado de intraempreendedorismo (Hisrich, 1990; Silva, 2014). Tanto o intraempreendedorismo quanto o empreendedorismo são desejáveis socialmente, pois é crescente a flexibilização das relações de trabalho que demandam do indivíduo uma postura mais ativa e propositiva, seja ela para gerar o próprio emprego ou para enfrentar crises nas organizações em que trabalha, a fim de garantir a continuidade da organização e, conseqüentemente, o posto de trabalho (Faria & Rachid, 2015).

No presente trabalho, foi selecionada como variável critério a intenção empreendedora, a qual é definida como "convicção autorreconhecida de que a pessoa conscientemente planeja abrir um novo negócio num futuro próximo" (Thompson, 2009, p. 676). Em consequência, o empreendedor, nessa pesquisa, é conceituado como "um

indivíduo que estabelece e gerencia um negócio com a finalidade de obter lucro e crescimento. O empreendedor caracteriza-se principalmente pelo comportamento inovador e empregará práticas de gestão estratégica nos negócios" (Carland et al., 1984, p. 358).

A variável intenção empreendedora vem sendo investigada com universitários em todo o mundo (Hmieleski, & Lerner, 2016; Lüthje & Franke, 2004; Nielsen, & Gartner, 2017; Wang & Wong, 2004), sendo os Estados Unidos um país com ampla tradição nesse tema (Lüthje & Franke, 2004). No Brasil, apesar de existirem trabalhos sobre essa variável (Barral et al., 2018; Ching & Kitahara, 2015; Moraes et al., 2018; Souza & Silveira, 2016; Souza et al., 2017), eles são exíguos, conforme constatado em bibliometria (Ferreira et al., 2017). Um dos motivos para o desvelo com tais estudos é que os programas de empreendedorismo mostram resultados positivos entre universitários (Souitaris et al., 2007). Assim, fomentar uma cultura do empreendedorismo entre universitários deve ser considerada uma prioridade (Maresch et al., 2016).

O construto perfil empreendedor é considerado relevante, pois descreve as características dos empreendedores que impactam na abertura de novos negócios e no desempenho de organizações estruturadas (Ferreira et al., 2019; Parente et al., 2018; Silva et al., 2008). Pode-se dizer, portanto, que compreender o perfil empreendedor como preditor de intenção empreendedora se apresenta como uma estratégia para o desenvolvimento econômico, uma vez que, com maior nível de perfil empreendedor, mais indivíduos que se antecipam às demandas e otimizam os processos estarão disponíveis para a geração de riquezas no país (Gerber, 2004).

É relevante aprofundar o conhecimento acerca do poder preditivo do perfil empreendedor na intenção empreendedora, incluindo outras variáveis no delineamento de investigação com vistas a ampliar a compreensão sobre esse fenômeno e conduzir estudos nacionais, os quais são exíguos. Entre os preditores a serem incluídos, tem-se os valores organizacionais porque estes atuam como norteadores da escolha e orientação profissional (Soldano, 2011), possibilitam a identificação das metas estabelecidas pelos indivíduos para serem alcançadas por meio do trabalho, e estão associados com interesses profissionais (Andrade et al., 2014; Porto, 2008; Rottinghaus, & Zytowski, 2006). Assim, o objetivo geral do presente estudo foi analisar o papel preditor do perfil empreendedor e dos valores relativos ao trabalho na intenção empreendedora.

REFERENCIAL TEÓRICO

PERFIL EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é um tema amplamente estudado em diversas concepções teóricas e com diferentes enfoques (Vale, 2014). Diversos campos de conhecimento trazem contribuição para a investigação desse fenômeno, sendo o enfoque distinto em cada uma delas. Na sociologia almeja-se conhecer principalmente os determinantes socioculturais que influenciam o surgimento de sujeitos empreendedores e seus negócios, bem como o impacto deles na organização social (Wiklund et al., 2011). Na economia, identificam-se esforços para compreender o papel do empreendedor no desenvolvimento econômico, por meio da promoção de inovações que modifiquem as estruturas de mercado substancialmente e promovam o avanço econômico (Schumpeter, 1942; 1985). Na psicologia, observa-se número expressivo de estudos que buscam a compreensão das características pessoais, tais como crenças, atitudes, competências e comportamentos, que influenciem o indivíduo na decisão de criar negócios e optar pelo autoemprego ao invés de submeter-se à condição de empregado nas organizações de trabalho (Ferreira et al., 2019; Frese & Gielnik, 2014; Garland et al., 1988; Kuratko, 2016).

Considerando as contribuições da Psicologia, inicialmente, os estudos enfatizavam a influência dos traços de personalidade, sendo o poder preditivo desses identificados em diversas metaanálises (Brandstätter, 2011). Contudo, esse poder explicativo é baixo (Baum et al., 2001). Assim, os pesquisadores têm incluído outros preditores individuais diretos ou indiretos, tais como habilidades e motivação, cognição e comportamento (Baum & Locke, 2004; Frese & Gielnik, 2014).

A Psicologia do empreendedorismo é um campo de conhecimento relativamente novo, mas que tem produzido muitos estudos relevantes na compreensão do fenômeno. Uma revisão de literatura internacional relativa a essa temática empreendida no período de 2000 a 2015, em periódicos com fator de impacto igual ou superior a 1,5, resultou em 142 artigos e os estudos versavam sobre: (a) perspectiva de carreira, (b) diferenças pessoais, (c) saúde e bem-estar, (d) cognição e comportamento e (e) liderança empreendedora (Gorgievski & Stephan, 2016). Apesar dos avanços, ainda há oportunidades significativas para novas contribuições (Frese & Gielnik, 2014; Veiga et al., 2017).

Entre os vários construtos investigados pela psico-

logia, tem-se o perfil empreendedor, o qual trata das características empreendedoras. Carland et al. (1984), após revisarem os principais teóricos e definições de empreendedorismo, resumem as atitudes e comportamentos dos empreendedores, como sendo tolerância ao risco, inovação, iniciativa, desejo de independência, responsabilidade e autoconfiança, autonomia, necessidade de realização, poder, reconhecimento, autoconfiança, orientados por metas e busca de independência.

Em outro estudo de investigação e compilação da literatura relativa às características empreendedoras, Filard et al. (2014), analisaram a revisão de Kuratko e Hodgetts (1995), que compreendeu o período de 1848 a 1982 (período tradicional), e também realizaram uma revisão das publicações nos periódicos melhor avaliados de Administração e Contabilidade, no período de 1983 a 2010 (período contemporâneo). Ao confrontar o período tradicional com o contemporâneo, observou-se que algumas características como proatividade, criatividade, tolerância ao risco e inovação aumentaram em número de citações, ao passo que aspectos como perseverança e benevolência, presentes no primeiro período passaram a não ser investigadas nos estudos mais recentes. Ademais, o período contemporâneo é caracterizado por investigações mais complexas, e passaram a ser considerados aspectos, tais como, política, economia, tecnologia, natureza e cultura. Na atual conjuntura, despontam novas características que até outrora não eram citadas, tais como intuição, visão estratégica, otimismo, comprometimento e determinação.

Considerando o período contemporâneo das investigações científicas, Filard et al. (2014), enumeram, as nove características empreendedoras mais presentes, por grau de frequência: 1. Proatividade, 2. Inovador, 3. Tolerante a riscos, 4. Criativo, 5. Ambicioso, Interpessoal, Líder, Perseverante e visionário – todas com a mesma frequência de citações.

INTENÇÃO EMPREENDEDORA

A intenção empreendedora tem sido utilizada como variável critério em diversos estudos, todavia não há um modo unívoco de defini-la (Fellnhöfer & Mueller, 2018; Thompson, 2009). Shook et al. (2003), por exemplo, chamam a atenção para o fato de que a intenção empreendedora é antecedente da ação de iniciar um novo empreendimento. Enquanto isso, Carvalho e González (2006) apontam que a intenção empreendedora, em alguns casos, não resulta na ação do indivíduo de fundar a sua própria empresa, contribuindo pouco para explicação desse

comportamento.

Thompson (2009) salienta que a intenção empreendedora deve ser consciente, levando assim às ações empreendedoras e aos planejamentos necessários para abrir uma empresa, diferenciando dos indivíduos que podem flertar com a possibilidade empreendedora, especialmente quando se deparam com oportunidades de negócio, mas que não se mobilizam para a concretização do empreendimento.

As publicações acerca da intenção empreendedora têm ganhado destaque no cenário internacional, com um aumento na taxa de 41% entre 2004 e 2015, e tendo os maiores resultados nos anos de 2011 e 2013 (Ferreira et al., 2017). Diversos autores têm vinculado os estudos de intenção empreendedora com educação empreendedora, em busca de propostas de políticas públicas e modelos de educação empreendedora que estimulem a intenção empreendedora (Barba-Sánchez & Atienza-Sahuquillo, 2018; Barral et al., 2018; Law & Breznik, 2017; Roy et al., 2017).

Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) atribuem à universidade o papel de incentivo da educação empreendedora, como uma instituição de ensino superior que detém o conhecimento e a infraestrutura necessários para isso. Mas Ferreira et al. (2017) ressaltam que intenção empreendedora incentivada apenas na conclusão do curso superior não parece ser o suficiente para mobilizar os indivíduos, sugerindo que o sistema educacional já atue nos níveis primário e secundário. Law e Breznik (2017) recomendam que os cursos superiores devam levar em consideração atitudes e intenções empreendedoras, para que sejam construtivos e desenvolvam o potencial empreendedor dos alunos, e que, enquanto os projetos educacionais empreendedores para alunos no fim do curso devem focar no seu senso pessoal de confiança e aquisição de experiência, os projetos educacionais para alunos ingressantes devem ser voltados para inovação e motivação da aprendizagem. Por fim, Ferreira et al. (2017) relatam que a aquisição de experiência anterior, como participação em empresas juniores, poderia contribuir para a viabilização da abertura de uma empresa posteriormente.

Quando se trata da educação empreendedora, contudo, os resultados são inconclusivos (Barba-Sánchez & Atienza-Sahuquillo, 2018; Ferreira et al., 2017; Nielsen, & Gartner, 2017). A revisão de literatura realizada por Ferreira et al. (2017) mostra que a educação empreendedora tem efeitos distintos a depender dos valores culturais vigentes no país, sendo que países com uma cultura mais

individualista, como os Estados Unidos, têm mais facilidade com a implementação de projetos que levem a uma modalidade de empreendedorismo individual.

Diversos estudos têm sido empreendidos com universitários acerca da intenção empreendedora e, entre os aspectos relacionados com a intenção de iniciar um novo negócio, tem-se gênero, sendo os homens aqueles com maior escore em intenção empreendedora, experiência da família com negócios e nível educacional, ingressantes *versus* concluintes (Wang & Wong, 2004). O gênero também aparece entre os aspectos que motivam a intenção empreendedora, sendo as mulheres mais incentivadas por atitudes, enquanto os homens são mais incentivados por inovações (Law & Breznik, 2017). Entre os principais preditores de intenção empreendedora (Ferreira et al., 2017; Roy et al., 2017), encontram-se: percepção de barreiras, traços pessoais, atitude positiva, motivações de realização pessoal, *locus* de controle interno, criatividade, percepção de controle e autoeficácia.

VALORES RELATIVOS DO TRABALHO (VRT)

O trabalho exerce papel importante na vida do ser humano enquanto ser sócio-histórico-cultural, possibilitando a busca da satisfação de suas necessidades fisiológicas (renda, alimento, abrigo) e sócio afetivas (Porto & Tamayo, 2003). O trabalho, então, age como base de relacionamentos sociais e familiares, por exemplo, sendo "foro privilegiado para o alcance de metas individuais, pois as pessoas passam a maior parte do tempo no trabalho" (Porto & Tamayo, 2008, p. 295; Lourencetti et al., 2017). Assim, a concepção de trabalho abarca não somente sua dimensão socioeconômica, mas também o significado, o sentido e os valores socioculturais implicados nesta experiência (Andrade et al., 2014). Nesse contexto, os valores humanos em relação ao trabalho atuam como norteadores da escolha e orientação profissional (Soldano, 2011).

Não há uma aceção uníssona na literatura acerca de um modelo teórico robusto acerca do construto VRT, existem dissensões quanto à definição e concepção dessa variável (Dose, 1997; Lourencetti et al., 2017; Lyons et al., 2006; Porto & Pilati, 2010). A concepção de VRT adotada na presente investigação pressupõe o paralelismo entre os valores pessoais e VRT (Porto & Pilati, 2010; Porto & Tamayo, 2003), mais especificamente com a teoria de valores humanos de Schwartz (1992). Nessa visão, os valores servem como princípios a guiar a vida de um sujeito, podendo ser considerados como critérios ou metas, segundo uma ordem de importância, que ultrapassam si-

tuações específicas (Sagie et al., 1996).

No presente estudo, os valores relativos ao trabalho são definidos como princípios ou crenças, hierarquicamente organizados, relacionados a metas ou recompensas que as pessoas compreendem como desejáveis e alcançáveis por meio do trabalho. Assim, ao trabalhar, as pessoas guiam seu comportamento, suas avaliações sobre os resultados, o contexto, e as escolhas de alternativas de trabalho tendo como norte tais princípios ou crenças (Andrade et al., 2014; Porto et al., 2006).

Sagie et al. (1996) demonstraram que os valores relativos ao trabalho são influenciados pelo gênero, ainda que a conceituação de gênero possa ser entendida como um construto social que revela uma acomodação social a diferentes restrições e oportunidades biológicas relacionadas ao sexo do indivíduo (Schwartz, 2005a). Assim, os homens priorizariam valores individuais, buscando mais recompensas financeiras e independência do que as mulheres que, por sua vez, tenderiam a endossar mais valores do trabalho de afiliação e aprovação social, sendo atraídas por valores ligados a interesses coletivos (Tamayo 2007).

Silva et al. (2010), em estudo com 178 estudantes de diversos cursos universitários de uma universidade privada, em que se aplicou a Escala de Valores relativos ao Trabalho (EVT) de Porto e Tamayo (2003), relataram uma tendência das mulheres em priorizar valores relativos à realização e à estabilidade, enquanto os homens tenderiam a ter em maior grau de importância os valores de relações sociais e de prestígio, tais como autoridade, sucesso profissional, poder de influência e relações sociais positivas. Em consonância com tais resultados, Brandão et al. (2015), ao aplicarem a Escala Revisada de Valores Relativos ao Trabalho (EVT-R) (Porto & Pilati, 2010) junto a 50 mulheres que trabalhavam em uma multinacional com unidades em Fortaleza, identificaram que as participantes priorizavam valores referentes aos fatores estabilidade e realização profissional, e, em menor grau, às relações sociais e prestígio. Tais resultados também foram encontrados por Campos et al. (2017), tendo em vista que, diante da aplicação da EVT, as médias atribuídas pelas mulheres aos fatores realização no trabalho e estabilidade foram significativamente superiores às médias atribuídas pelos homens.

Silveira (2006), utilizando-se da EVT, encontrou resultados análogos ao apontar que os homens da amostra

coletada em seu estudo conferiam uma maior importância a conhecer pessoas e poder se sustentar, ao passo que as mulheres entendiam que ter satisfação pessoal e prazer no que se faz seria o mais importante. Potrich et al. (2015), objetivando testar a invariância da EVT-R para o gênero e verificar a existência de diferenças entre homens e mulheres, aplicaram a escala em 958 discentes de graduação de cinco instituições ensino superior do Rio Grande do Sul, pertencentes aos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Serviço Social e Pedagogia, concluindo-se pela variância do modelo de mensuração entre os gêneros, e a constatação de que as pessoas do gênero feminino demonstraram maior importância aos fatores autodeterminação e estimulação, universalismo e benevolência, realização e poder, do que os indivíduos do gênero masculino, destacando a maior diferença entre os grupos no que se refere à dimensão poder. No estudo de Veiga e Parreira (2015), por sua vez, as mulheres obtiveram pontuações maiores no valor universalismo, enquanto os homens obtiveram maiores resultados no valor autodeterminação. Schwartz (2005b) busca destacar que essas diferenças podem ser compreendidas através da análise das influências culturais e sociais que atribuem papéis distintos conforme as concepções de gênero.

Um avanço na área é a investigação da relação dos valores relativos ao trabalho e empreendedorismo, especialmente porque, ainda que haja estudos que associem os valores relativos ao trabalho com âncoras de carreira (na qual os construtos desafio puro e criatividade empreendedora se relacionam positivamente) (Andrade et al., 2014), as investigações que analisam tais relações são escassas. Veiga e Parreira (2015) realizaram estudo em que analisaram diferenças entre características de perfil empreendedor (PE) e Valores relativos ao trabalho (VRT) em estudantes universitários que participavam ou não de empresas juniores (EJ). As pesquisadoras encontraram correlações significativas entre todas as dimensões de PE e autodeterminação e estimulação, realização no trabalho, todas essas dimensões de VRT, sendo a maior delas entre inovador (PE) e estimulação (VRT). Em seus resultados, pôde-se apreender uma diferença significativa no VRT realização, sendo a maior média entre os estudantes que participam de EJ. Da mesma maneira, estudantes participantes de empresas juniores apresentaram maior média na dimensão líder de PE, em relação àqueles que não participavam de EJ.

MÉTODO

AMOSTRA

A pesquisa foi realizada com uma amostra de conveniência composta por 323 estudantes de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Desse total, 146 se identificaram como sendo do gênero masculino, 176 do gênero feminino, e 1 pessoa identificou-se em outra opção de gênero que não as contempladas supra. Destes participantes, 30 alunos declararam estar matriculados no curso de Direito, 35 em Relações Internacionais, 39 no de Economia, 42 em Pedagogia, 43 em Engenharia Mecatrônica, 53 em Engenharia Mecânica, 14 em Outras Engenharias e 67 em Psicologia.

INSTRUMENTOS

Os instrumentos eleitos para mensurar as variáveis foram escolhidos através da avaliação de suas propriedades psicométricas (Pasquali, 1999), cujas descrições seguem infra.

Escala de Intenção Empreendedora–EIE (Santos, 2008)

A medida é unifatorial composta por quatro itens com confiabilidade de Alfa de Cronbach de 0,90 (Santos, 2008). Para responder ao instrumento, é adotada escala de resposta Likert de 10 pontos, variando entre “Discordo totalmente” e “Concordo totalmente”.

Escala de Perfil Empreendedor–EPE (Santos, 2008)

A escala de Santos (2008) apresenta nove fatores com índices de confiabilidade de alfa de Cronbach variando de 0,77 a 0,92, sendo eles: a) Oportunidade (composto por cinco itens e com alfa de 0,77), b) Persistência (formado por seis itens e com alfa de 0,85), c) Eficiência (composto por três itens e com alfa de 0,78), d) Informações (formado por cinco itens e com alfa de 0,79), e) Planejamento (formado por quatro itens e com alfa de 0,80), f) Metas (composto por sete itens e com alfa de 0,88), g) Controle (composto por cinco itens e com alfa de 0,87), h) Persuasão (formado por seis itens e com alfa de 0,92) e i) Rede de relações (formado por quatro itens e com alfa de 0,89). Para responder ao instrumento é usada escala de resposta Likert de 10 pontos, variando entre “Discordo

totalmente” e “Concordo totalmente”.

Escala de Valores Relativos ao Trabalho - EVRT - Versão Revisada (Porto & Pilati, 2010)

Escala de autorrelato composta por seis fatores, a saber, a) Autodeterminação e Estimulação (13 itens), b) Segurança (5 itens), c) Realização (5 itens), d) Universalismo (5 itens) e Benevolência (5 itens), e) Poder (5 itens) e f) Conformidade (5 itens). Para responder à EVTR, tem-se escala de resposta Likert de cinco pontos, variando de 1 a 5. A Tabela 1 traz exemplos de itens de cada uma das medidas, bem como o alfa de Cronbach.

PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de uma universidade do interior do estado de Minas Gerais. Após a aprovação, os pesquisadores contataram os participantes da pesquisa em sala de aula, conforme disponibilidade do professor; em seguida, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e, aqueles que concordaram com o estudo responderam ao questionário em ambiente de sala de aula de forma coletiva e o instrumento foi preenchido com lápis e papel. O tempo médio de aplicação foi de 20 minutos.

As análises foram realizadas com o uso do software estatístico SPSS versão 18.0. Primeiramente, foram realizadas as análises de inspeção de banco de dados e verificação dos pressupostos para regressão, conforme recomendação de Tabachnick e Fidell (2001). Depois, foram realizadas estatísticas descritivas (média, mediana, moda e desvio padrão), e análise de regressão múltipla padrão, em que todos os fatores de Perfil Empreendedor e Valores Relativos ao Trabalho foram lançados em um único bloco como preditor da Intenção Empreendedora (Tabachnick & Fidell, 2001).

RESULTADOS

Primeiro, são apresentadas as estatísticas descritivas das dimensões das variáveis investigadas, IE, PE e VRT, conforme Tabela 2.

Como mostra a Tabela 2, os estudantes participantes da pesquisa, no que tange à variável Perfil Empreendedor,

Tabela 1. *Descrição da confiabilidade (alfa) e exemplo de itens das escalas adotadas*

Medida	Alfa	Exemplo de item
IE	0,90	Com certeza um dia terei meu próprio negócio
PE		
Oportunidade	0,83	Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso
Persistência	0,89	Entendo que os obstáculos existem para serem superados
Eficiência	0,87	Gosto de cumprir prazos
Informações	0,91	Se for preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem...
Planejamento	0,84	Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir
Metas	0,90	O que pretendo alcançar está claramente definido
Controle	0,91	Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações
Persuasão	0,86	Tenho formas de convencer as pessoas a mudarem de opinião
Rede	0,89	Procuro manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações
VRT		
Autodeterminação	0,84	Ter um trabalho que me permita conhecer lugares novos
Segurança	0,79	Poder me sustentar financeiramente
Realização	0,81	Ser reconhecido pelo resultado satisfatório do meu trabalho
Universalismo	0,77	Colaborar para o desenvolvimento da sociedade
Poder	0,72	Ter prestígio
Conformidade	0,68	Ter um ambiente de trabalho com hierarquia clara

apresentaram escores acima do valor médio, demonstrando elevados escores nas dimensões informações ($M = 8,37$; $DP = 1,10$), Eficiência ($M = 8,27$; $DP = 1,64$), persistência ($M = 8,20$; $DP = 1,36$), e, apresentando os menores valores nas dimensões planejamento ($M = 6,35$; $DP = 2,07$), controle ($M = 6,52$; $DP = 2,19$) e metas ($M = 6,81$; $DP = 1,78$). Por sua vez, a IE dos participantes foi no ponto médio da escala ($M = 5,48$; $DP = 2,61$).

Ainda, no que tange às dimensões de VRT, os participantes apresentaram as maiores pontuações nas dimensões segurança ($M = 4,66$; $DP = 0,65$) e realização ($M = 4,65$; $DP = 0,64$), dimensões ligadas à independência e capacidade de se sustentar financeiramente; e em realizar e ser reconhecido naquilo com que se busca trabalhar. Por

sua vez, as menores pontuações se deram na dimensão poder ($M = 2,89$; $DP = 0,67$), ligada à fama, ao prestígio e à assunção de posições hierárquicas de comando de outras pessoas; e na dimensão conformidade ($M = 3,81$; $DP = 0,84$), referente ao respeito e preferência por estruturas hierárquicas, normas e rotinas bem definidas e pouco variáveis no ambiente de trabalho.

Na tabela 3, encontram-se as comparações nas variáveis pesquisadas em função do gênero dos participantes. Os resultados do teste T de Student para amostras independentes revelaram diferenças significativas para a dimensão Oportunidade ($F = 7,0720$; $p = 0,0080$) da variável Perfil Empreendedor, e para a dimensão Universalismo e benevolência ($F = 17,2150$; $p = 0,0000$), da variável

Tabela 2. Estatísticas descritivas das dimensões das variáveis Perfil Empreendedor (PE) e Valores Relativos ao Trabalho (VRT).

Escala/Dimensão	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão
IE	5,48	5,76	7,0	2,61
PE				
Oportunidade	7,19	7,40	7,20	1,44
Persistência	8,20	8,33	10,00	1,36
Eficiência	8,27	8,67	10,00	1,64
Informações	8,37	8,60	8,60	1,10
Planejamento	6,35	6,50	7,25	2,07
Metas	6,81	7,00	7,86	1,78
Controle	6,52	6,80	7,80	2,19
Persuasão	7,31	7,50	8,17	1,63
Rede	7,77	8,00	8,00	1,77
VRT				
Autodeterminação e estimulação	4,30	4,36	4,27	0,56
Segurança	4,66	5,00	5,00	0,65
Realização	4,65	5,00	5,00	0,64
Universalismo e benevolência	4,36	4,60	5,00	0,83
Poder	2,89	3,00	3,00	0,87
Conformidade	3,81	4,00	3,80	0,84

Valores Relativos ao Trabalho, por esse motivo apenas as análises dessas serão descritas. No que tange à dimensão Oportunidade, da variável Perfil Empreendedor, os participantes que se identificaram como sendo do gênero masculino obtiveram escores mais elevados do que os participantes do gênero feminino. Já no que tange à dimensão Universalismo e benevolência, da variável Valores Relativos ao Trabalho, as participantes do gênero feminino obtiveram escores superiores aos participantes do gênero masculino.

Para avaliar se perfil empreendedor e valores relativos ao trabalho são antecedentes de intenção empreendedora, foi feita a análise de regressão múltipla padrão. O resultado da análise mostrou que o conjunto de antecedentes explica 20% da variância, sendo que da variável perfil empreendedor as dimensões com contribuição significativa única foram oportunidade ($\beta = 0,30$; $p = 0,000$) e metas ($\beta = 0,14$; $p < 0,05$), e de valores relativos ao trabalho, as dimensões autodeterminação e autoestimulação ($\beta = 0,32$; $p < 0,05$) e poder ($\beta = 0,17$; $p < 0,05$).

DISCUSSÃO

As investigações acerca do empreendedorismo, apesar de terem longa tradição ainda permanecem atuais e premente a busca por estratégias para o seu desenvolvimento (Ferreira et al., 2019; Wiklund et al., 2011).

O escore médio dos participantes do estudo para intenção empreendedora foi de 5,5. No estudo de evidências de validação empírica dessa medida, Santos (2008) demonstrou que ela é capaz de discriminar empreendedores bem-sucedidos (conseguiram manter a empresa por mais de cinco anos) daqueles que fracassaram (não conseguiram manter a empresa por esse período mínimo), e com base em seus achados, estabeleceu um escore de IE de 8,9 para empreendedor de sucesso.

Ao cotejar os achados desse estudo com o parâmetro estabelecido por Santos (2008) para o escore de intenção empreendedora esperado, cabe destacar que entre os cursos pesquisados, alguns não possuem tradição

Tabela 3. Estatísticas descritivas dos escores obtidos nas dimensões Oportunidade (PE) e Universalismo e benevolência (VRT) conforme o gênero identificado pelo participante.

Estatísticas de Grupo					
PE	Gênero	N	M	DP	Média do Desvio Padrão
Oportunidade	Masc.	146	7,3685	1,29160	0,10689
	Fem.	176	7,0307	1,54556	0,11650
VRT	Gênero	N	Média	Desvio Padrão	Média do Desvio Padrão
Universalismo e benevolência	Masc.	146	4,1274	0,93392	0,07729
	Fem.	176	4,5489	0,69406	0,05232

de possuírem disciplinas de empreendedorismo em seu projeto pedagógico como ocorre nas graduações na área de gestão e negócios. Como aponta Valcanaia (2010), a existência de tais conteúdos amplia as chances de o egresso empreender. Oliveira et al. (2015) destacam que as instituições de ensino superior tendem a focar no mercado formal de trabalho e não incluem conteúdos relacionados com empreendedorismo em seus currículos, a exceção dos acadêmicos de administração, normalmente. Assim, conjectura-se que os valores obtidos pelos estudantes nessa pesquisa podem estar associados ao fato deles não terem visto nenhum conteúdo específico sobre empreendedorismo. Assim, é fundamental que as instituições de ensino superior invistam em programas de desenvolvimento do empreendedorismo, porque isso pode ampliar a intenção de ser um empreendedor e também, aprimorar competências que são relevantes no atual mundo do trabalho (Souitaris et al., 2007).

Considerando as maiores médias obtidas em perfil empreendedor, todas são superiores a 8 e com valores próximos àqueles estabelecidos por Santos (2008) para empreendedores de sucesso. Assim, os estudantes pesquisados apresentam elevada disponibilidade para aprender e busca por novos conhecimentos (informações); capacidade de se adequar às demandas do contexto (eficiência) e busca de êxito mesmo diante dos obstáculos, reconhecendo erros e redefinindo metas e estratégias (persistência). Tais características são reportadas na literatura como relevantes para o empreendedorismo (Filard et al., 2014; Parente et al., 2018).

Ainda considerando as maiores médias de perfil em-

preendedor, o fato de a amostra da presente pesquisa ser formada exclusivamente de estudantes universitários, não se apresenta como uma surpresa que tais dimensões tenham sido as que obtiveram maior escore médio. Isso porque, em comparação ao Ensino Médio, as atividades curriculares do Ensino Superior são menos estruturadas e menos apoiadas em livros ou manuais, com horários mais flexíveis e professores mais distantes (Teixeira et al., 2008). Neste contexto, o estudante precisa ter interesse no aprendizado e buscar informações tanto em sala de aula como fora dela, como também possuir persistência para superar as dificuldades oriundas deste período.

No que concerne à variável valores organizacionais, os resultados obtidos possibilitaram perceber que os estudantes que compuseram a amostra possuem expectativas de segurança e realização em relação aos trabalhos que exercem ou que esperam um dia exercer. Segurança é aqui entendida como um valor relacionado à busca de harmonia e estabilidade tanto de sua vida pessoal quanto da sociedade, permitindo a capacidade de suprir materialmente as necessidades pessoais do indivíduo, enquanto realização se refere à busca de prazer e sucesso pessoal e profissional, assim como de independência de pensamento e ação no trabalho por meio da autonomia intelectual e da criatividade (Porto & Tamayo, 2003).

Assim, tem-se que os participantes pesquisados orientam suas escolhas profissionais na busca de tais valores no ambiente de trabalho, o que coaduna com os resultados da literatura que aponta a busca por uma realização através do trabalho e, simultaneamente, um desejo de segurança, de inserção profissional após a graduação,

num mercado de trabalho de incertezas (Bardagi & Hutz, 2012; Teixeira et al., 2008).

Ao buscar diferenças estatisticamente significativas nos escores médios relativos às dimensões dos construtos estudados em relação ao gênero declarado pelos participantes, observaram-se diferenças quanto à dimensão oportunidade (Perfil Empreendedor), em que os participantes do gênero masculino obtiveram pontuação significativamente superior. Não foram identificados na literatura pesquisas que fundamentassem esse achado, nem teorias que auxiliassem na compreensão, assim tais distinções de carecem de investigações futuras.

Em relação aos valores relativos ao trabalho, em relação à dimensão universalismo e benevolência, as participantes obtiveram escores significativamente superiores aos participantes, indicando que o homem seria mais autônomo, instrumental e ativo, enquanto a mulher seria mais relacional, expressiva e comunal, enfatizando a benevolência, como já encontrado em outras investigações (Formiga et al., 2008; Schwartz, 2005a; Schwartz, 2005b; Schwartz & Rubel, 2005; Veiga & Parreira, 2015).

No que diz respeito aos antecedentes de intenção empreendedora, para a amostra pesquisada, aqueles universitários que buscam por oportunidades de negócio, que estão atentos ao que acontece no mercado e que demonstram capacidade de estabelecer metas para o alcance de seus objetivos são aqueles com maior possibilidade de intentarem algo novo. Nessa direção, o valor preditivo de valores relativos do trabalho mostra que os estudantes que buscam através do trabalho algo desafiador, que têm gosto pelo risco e prezam pela criatividade (autodeterminação e estimulação) são mais prováveis de empreenderem. Encontrou-se ainda, que o desejo de poder (prestígio, fama, reconhecimento) é antecedente de IE.

Os achados do presente estudo estão alinhados com a literatura ao identificar que pessoas que buscam novidades, têm maiores chances de pensar no empreendedorismo como opção de carreira (Fellnhöfer & Mueller, 2018). Além disso, os empreendedores estabelecidos, pessoas que já abriram seus negócios e os mantêm, mostram terem alta capacidade de aprendizagem, tendem a se engajar em empregos que exigem conhecimentos não rotineiros e que quebram as regras (Levine & Rubinstein, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo alcançou o seu objetivo ao investi-

gar um modelo de predição de intenção empreendedora tendo perfil empreendedor e valores relativos ao trabalho como antecedentes. Os achados mostram que a busca por oportunidades e um foco para o alcance desse objetivo são antecedentes da intenção de abrir um negócio próprio e, também, a busca por um trabalho arriscado, inovador e que dê poder e prestígio. Desta forma, considera-se que esses aspectos são essenciais para um empreendedor e devem ser explorados em pesquisas ulteriores.

Foram identificadas limitações na condução do estudo que devem ser mencionadas. Uma delas é que a amostra por cada curso foi restrita, o que compromete a generalização das evidências apresentadas; além disso, não foi utilizada nenhuma técnica estatística para estratificação da amostra e a ausência de dados demográficos tais como idade, semestre em curso, impossibilitou a realização de mais análises. Assim, sugere-se que estudos considerem as informações reportadas na presente investigação como uma proposta preliminar e exploratória ao tema. Cabe, portanto, aos estudos futuros, ampliar o tamanho da amostra abrangendo diferentes regiões do país e discentes oriundos de diversos cursos. Sugere-se ainda que os projetos pedagógicos dos cursos sejam analisados com vistas a identificar ações de educação empreendedora, e suas possíveis relações com intenção empreendedora.

Por fim, sugere-se que as instituições de ensino superior incluam conteúdos relacionados ao empreendedorismo em suas atividades acadêmicas, os quais podem incluir desde a elaboração de um plano de negócios, maior interlocução com a prática profissional, programas institucionais de incentivo a novos negócios e/ou ideias, *startups*, entre outros, para que os estudantes tenham a possibilidade de considerar abrir um empreendimento como uma opção de carreira, e estejam instrumentalizados para tomar a sua decisão.

CONFLITOS DE INTERESSE:

Os autores declaram a inexistência de possíveis conflitos de interesse em relação ao manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

H.M.S.V. elaborou o projeto de pesquisa e coordenou a execução da mesma e, elaborou o esboço inicial do artigo (rascunho); H.M.S.V., P.A.C, B.M.M., A.F.C.J. são os responsáveis pela coleta, análise de dados e redação final do manuscrito (revisão e edição).

REFERÊNCIAS

- Andrade, T., Vieira, K. M., Estivaleta, V. F. B., & Bender Filho, R. (2014). A influência dos valores relativos ao trabalho nas decisões de carreira: um estudo sobre as perspectivas de discentes de instituições de ensino superior. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 20(3), 625-657. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.0092013.41306>.
- Barba-Sánchez, V., & Atienza-Sahuquillo, C. (2018). Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. *European Research on Management and Business Economics*, 24, 53-6. <https://doi.org/10.1016/j.iedeen.2017.04.001>
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2012). Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária. *Revista de Ciências Humanas*, 40, 183-198.
- Baron, R. A. (2006). Opportunity recognition as pattern recognition: How entrepreneurs "connect the dots" to identify new business opportunities. *Academy of Management Perspectives*, 12(1), 104-119. <https://doi.org/10.5465/amp.2006.19873412>.
- Barral, M. R. M., Ribeiro, F. G., & Canever, M. D. (2018). Influence of the university environment in the entrepreneurial intention in public and private universities. *RAUSP Management Journal*, 53(1), 122-133. <https://doi.org/10.1016/j.rauspm.2017.12.009>.
- Baum, J. R., & Locke, E. A. (2004). The relationship of entrepreneurial traits, skill, and motivation to subsequent venture growth. *Journal of Applied Psychology*, 89(4), 587-598. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.89.4.587>
- Baum, J. R., Locke, E. A., & Smith, K. G. (2001). A multidimensional model of venture growth. *Academy of Management Journal*, 44, 292-303. <https://doi.org/10.5465/3069456>.
- Brandão, R. A., Ferraz, S. B., & Lima, T. C. B. (2015). Múltiplos e valores do trabalho: estudo em uma multinacional. *Revista Organizações em Contexto*, 11(22), 487-514. <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v11n22p487-514>.
- Brandstätter, H. (2011). Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222-230. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.07.007>
- Campos, S. A. P., Lehnhart, E. R., Fossá, M. I. T., & Balsan, L. A. G. (2017). Valores relativos ao trabalho em uma instituição pública de ensino superior. *Pretexto*, 18(1), 11-27. <https://doi.org/10.21714/pretexto.v18i1.2456>.
- Carland, J. W., Hoy, F., Boulton, W. R., & Carland, J. A. C. (1984). Differentiating entrepreneurs from small business owners: A Conceptualization. *The Academy of Management Review*, 9(2), 354-359. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_3.
- Carvalho, P. M. R.; & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 43-65. www.scielo.mec.pt/pdf/cog/v12n1/v12n1a04.pdf.
- Ching, H. Y., & Kitahara, J. R. (2015). Propensão a empreender: uma investigação quantitativa baseada nas características empreendedoras de alunos do curso de Administração. *Revista de Ciências da Administração*, 17(43), 99-111. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2015v17n43p99>.
- Davidson, P. (2016). A "business researcher" view on opportunities for psychology in entrepreneurship research. *Applied Psychology: An International Review*, 65(3), 628-636. <https://doi.org/10.1111/apps.12071>.
- Dose, J. J. (1997). Work values: an integrative framework and illustrative application to organizational socialization. *Journal of Occupational Psychology*, 70, 219-240. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1997.tb00645.x>.
- Faria, G. S. S., & Rachid, A. (2015). Gestão de pessoas em tempos de flexibilização do trabalho. *Revista de Ciências Gerenciais*, 10(12), 86-95. <https://doi.org/10.17921/1415-6571.2006v10n12p86-95>.
- Fellnhöfer, K., & Mueller, S. (2018). "I Want to Be Like You!": The Influence of Role Models on Entrepreneurial Intention. *Journal of Enterprising Culture*, 26(02), 113-153. <https://doi.org/10.1142/s021849581850005x>.
- Ferreira, J. J. M., Fernandes, C. I., & Kraus, S. (2019). Entrepreneurship research: mapping intellectual structures and research trends. *Review of Managerial Science*, 13(1), 181-205. <https://doi.org/10.1007/s11846-017-0242-3>.
- Ferreira, A. S. M., Loiola, E., & Gondim, S. M. G. (2017). Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. *Cadernos EBAPE.BR*, 15(2), 292-308. <https://doi.org/10.1590/1679-395159595>.

- Filard, F., Barros, F. D., & Fischmann, A. A. (2014). Do homo empreendedor ao empreendedor contemporâneo: evolução das características empreendedoras de 1848 a 2014. *Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE*, 13(3), 123-140. <https://doi.org/10.5585/riae.v13i3.2130>.
- Formiga, N. S., Santos, L. M. S., Viana, D. N. M., & Andrade, A. O. (2008). Valores humanos e gênero. *Psicologia em foco*, 1(1), 1-15. linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/161_064132_3.pdf.
- Frese, M., & Gielnik, M. M. (2014). The psychology of entrepreneurship. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 1, 413-438. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-031413-091326>.
- Garland, J. W., Hoy, F., & Garland, J. A. C. (1988). Who is an entrepreneur? Is a question worth asking. *American Journal of small business*, 12(4), 33-39. <https://doi.org/10.1177/104225878801200402>.
- Gartner, W. B. (1990). What are we talking about when we talk about entrepreneurship? *Journal of Business Venturing*, 5(1), 15-28. [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(90\)90023-M](https://doi.org/10.1016/0883-9026(90)90023-M).
- Gerber, M. E. (2004). *Empreender fazendo a diferença*. São Paulo: Saraiva.
- Gorgievski, M. J., & Stephan, U. (2016). Advancing the Psychology of Entrepreneurship: A review of the psychological literature and an introduction. *Applied Psychology*, 65(3), 437-468. <https://doi.org/10.1111/apps.12073>.
- Guerrero, M., Rialp, J., & Urbano, D. (2008). The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: A structural equation model. *The International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(1), 35-50. <https://doi.org/10.1007/s11365-006-0032-x>.
- Hisrich, R. D. (1990). Entrepreneurship/intrapreneurship. *American Psychologist*, 45(2), 209-222. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.2.209>.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2017). *Entrepreneurship*. 10ª. Edição. McGraw-Hill Education.
- Hmieleski, K. M., & Lerner, D. A. (2016). The Dark Triad and Nascent Entrepreneurship: An Examination of Unproductive versus Productive Entrepreneurial Motives. *Journal of Small Business Management*, 54, 7-32. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12296>.
- Igüe, E. A., Bariani, I. S. D., & Milanesi, P. V. B. (2008). Viabilidade acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF*, 13(2), 155-164. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003>.
- Kuratko, D. F. (2016). *Entrepreneurship: Theory, process, and practice*. www.academia.edu/36625804/Entrepreneurship-Theory-Process-and-Practice-10th-Edition-Kuratko-Solutions-Manual.pdf.
- Law, K. M. Y., & Breznik, K. (2017). Impacts of innovativeness and attitude on entrepreneurial intention: among engineering and non-engineering students. *International Journal of Technology Technoland Design Education*, 27, 683-700. <https://doi.org/10.1007/s10798-016-9373-0>.
- Levine, R., & Rubinstein, Y. (2017). Smart and illicit: Who becomes an entrepreneur and do they earn more? *Quarterly Journal of Economics*, 132(2), 963-1018. <https://doi.org/10.1093/qje/qjw044>.
- Lourencetti, L. A., Sacomano Neto, M., & Ganga, G. M. D. (2017). Identificação de valores relativos ao trabalho de alunos de cursos de pós-graduação de uma universidade pública. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, 7(1), 112-130. <https://doi.org/10.21714/2236-417X2017v7n1p112>.
- Lyons, S. T.; Duxbury, L. E. & Higgins, C. A. (2006). Comparison of the values and commitment of private sector, public sector, and parapublic sector employees. *Public Administration Review*, 605-618. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6210.2006.00620.x>.
- Lüthje, C., & Franke, N. (2004). Entrepreneurial Intentions of Business Students: A benchmarking study. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 1(3), 269-288. <https://doi.org/10.1142/S0219877004000209>.
- Malecki, E. J. (2018). Entrepreneurs, networks, and economic development: A review of recent research. In *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth* (Vol. 20, pp. 71-116). <https://doi.org/10.1108/S1074-754020180000020010>.
- Maresch, D., Harms, R., Kailer, N. & Wimmer-Wurm, B. (2016). The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial intention of students in science and engineering versus business studies university programs. *Technological Forecasting & Social Change*, 104, 172-179. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2015.11.006>.

- Moraes, G. H. S. M., Iizuka, E. S., & Pedro, M. (2018). Effects of Entrepreneurial Characteristics and University Environment on Entrepreneurial Intention. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(2), 226-248. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170133>.
- Nielsen, S. L., & Gartner, W. B. (2017). Am I a student and/or entrepreneur? Multiple identities in student entrepreneurship. *Education and Training*, 59(2), 135–154. <https://doi.org/10.1108/ET-09-2014-0122>.
- Oliveira, A. G. M., Melo, M. C. D. O. L., & Muylder, C. F. (2015). Educação empreendedora: O desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em Instituições de Ensino Superior. *Revista Administração em Diálogo*, 18(1), 29-56. <https://doi.org/10.20946/rad.v18i1.12727>.
- Parente, R., ElTarabishy, A., Vesci, M., & Botti, A. (2018). The Epistemology of Humane Entrepreneurship: Theory and Proposal for Future Research Agenda. *Journal of Small Business Management*, 56, 30–52. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12432>.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. LabPAM-IBAPP.
- Porto, J. B. (2008). Valores do trabalho e seu impacto sobre atitudes e comportamento no trabalho. In: M. L. M. Teixeira. (Org.). *Valores humanos e gestão: novas perspectivas* (173-196). Senac São Paulo.
- Porto, J. B., & Pilati, R. (2010). Escala revisada de valores relativos ao trabalho-EVT-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 73-82. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000100010>.
- Porto, J. B., Pilati, R.; Teixeira, M. L. M., Louback, J. C., Rodrigues, M., & Pereira, E. L. (2006). Análise fatorial confirmatória da Escala de Valores Relativos ao Trabalho. *Anais do 30º. Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração*, 1-15.
- Porto, J. B., & Tamayo, A. (2003). Escala de Valores Relativos ao Trabalho – EVT. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 19(2), 145-152. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000200006>.
- Porto, J. B., & Tamayo, A. (2008). Valores do Trabalho. In: M. M. M. Siqueira. (Org.). *Medida do Comportamento Organizacional: Ferramentas de diagnóstico e de gestão*, Porto Alegre: Artmed, 291-304.
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Estivaleta, V. F. B. (2015). Valores relativos ao trabalho: testando a invariância e as diferenças de média entre os gêneros. *Revista de Administração FACES Journal Belo Horizonte*, 14(4), 43-64. <https://doi.org/10.21714/1984-6975FACES2015V14N4ART2647>.
- Rottinghaus, P. J., & Zytowski, D. G. (2006). Communalities among adolescents' work values and interests. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 38, 211–221. <https://doi.org/10.1080/07481756.2006.11909783>.
- Roy, R., Akhtar, F., & Das, N. (2017). Entrepreneurial intention among science & technology students in India: extending the theory of planned behavior. *International Entrepreneurship Management Journal*, 13,1013–1041. <https://doi.org/10.1007/s11365-017-0434-y>.
- Sagie, A., Elizur, D., & Koslowsky, M. (1996). Work values: a theoretical overview and a model of their effects. *Journal of Organizational Behavior*, 17, 503-514. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1379\(199612\)17:1+3.0.CO;2-Q](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1379(199612)17:1+3.0.CO;2-Q).
- Santos, P. C. F. (2008). *Uma escala para identificar potencial empreendedor*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Org.). *Advances in experimental social psychology*, 25, 1-65. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60281-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60281-6).
- Schwartz, S. H. (2005a). Valores humanos básicos: Seu contexto e estrutura intercultural. In A. Tamayo, & J. B. Porto (Orgs.), *Valores e comportamento nas organizações*. (21-55). Vozes.
- Schwartz, S. H. (2005b). Validade e aplicabilidade da teoria de valores. In A. Tamayo; J. Porto (Orgs.). *Valores e comportamento nas organizações*. (56-95). Vozes.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: cross-cultural and multimethod studies. *Journal of personality and social psychology*, 89, 1010-1028. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.6.1010>.
- Schumpeter, J. (1942). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Fundo de Cultura.

- Schumpeter, J. (1985). *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. Abril Cultural.
- Shook, C. L.; Priem, R. L.; & McGee, J. E. (2003). Venture creation and the enterprising individual: a review and synthesis. *Journal of Management*, 29(3), 379-399. [https://doi.org/10.1016/S0149-2063\(03\)00016-3](https://doi.org/10.1016/S0149-2063(03)00016-3).
- Silva, M. A. (2014). Coordenador Gestor, Coordenador Pedagógico ou Coordenador Empreendedor: Análise do Perfil de Coordenadores de Curso em IES Privada. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 6(2), 74-102. <https://doi.org/10.7444/fsrj.v6i2.164>.
- Silva, M. R. M. S., Mendonça, H., & Zanini, D. S. (2010). Diferença de gênero e valores relativos ao trabalho. *Paidéia – Ribeirão Preto*, 20(45), 39-45. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100006>.
- Silva, S. S., Silva, A. M. M., & Vilas Boas, A. A., & Dan, E. (2008). Características comportamentais empreendedoras: um estudo comparativo entre empreendedores e intra-empresários. *Cadernos de Administração*, 1(2), 1-14. www.redalyc.org/pdf/2734/273452299006.pdf.
- Silveira, N.S.P. (2006). A diversidade de gênero e as diferenças e semelhanças na hierarquia de valores do trabalho de homens e mulheres no chão da fábrica. *Revista de Gestão USP São Paulo*, 13(especial), 77-91. www.revistas.usp.br/rege/article/download/36543/39264.
- Soldano, S. M. (2011). Integrating work and basic values into the spherical model of interests. *Journal of Vocational Behavior*, 78(1), 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2010.09.004>
- Souitaris, V., Zerbinati, S., & Andreas, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of Science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566-591. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.05.002>.
- Souza, R. S., & Silveira, A. (2016). Intenção Empreendedora: Validação do Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ) em Contexto Brasileiro. *Anais do XL EnANPAD*, 1-16.
- Souza, R. S.; Silveira, A., & Nascimento, S. (2017). Ampliando a Mensuração de Intenção Empreendedora: Estudo com Discentes de Graduação em Universidades Federais Brasileiras. *Anais do XLI EnAnpad*.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using Multivariate Statistics*. New York: Harper Collins.
- Tamayo, A. (2007). Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23, 07-15. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500003>
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, 12(1), 185-202. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>.
- Thompson, E. R. (2009). Individual Entrepreneurial intent: construct clarification and development of an internationally reliable metric. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 669-694. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00321.x>.
- Valcanaia, C. L. (2010). *Estudo do egresso dos alunos das disciplinas que envolvem empreendedorismo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil.
- Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>.
- Veiga, H. M. S., Demo, G., & Neiva, E. R. (2017). The Psychology of Entrepreneurship. In: E. Neiva; C. Torres; H. Mendonça. (Orgs.). *Organizational Psychology and Evidence-Based Management: What Science says about Practice*. New York City, EUA: Springer, 135-156.
- Veiga, H. M. S., & Parreira, S. M. (2015). Perfil empreendedor: análise de suas relações com valores relativos ao trabalho e auto eficácia para criar. *Revista Gestão Organizacional*, 8(3), 3-27. <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/2628>.
- Wang, C. K., & Wong, P. K. (2004). Entrepreneurial interest of university students in Singapore. *Technovation*, 24(2), 163-172. [https://doi.org/10.1016/S0166-4972\(02\)00016-0](https://doi.org/10.1016/S0166-4972(02)00016-0).
- Wiklund, J., Davidsson, P., Audretsch, D.B., & Karlsson, C. (2011). The future of entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35(1), 1-9. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00420.x>.

Data de submissão: 21.05.2019

Data da primeira decisão editorial: 08.11.2019

Aceite em 03.01.2020